

## O Zé António

Nas paredes de estuque esburacado do decrepito edifício inaugurado no consulado de Sidónio Pais, despontavam as ervas todo o ano e formigas de asas pela Primavera. O caruncho apostava em acabar com o que restava das carteiras. O soalho, também de madeira, era como um campo de golfe mas com mais buracos. No anexo ainda pairava o odor ao queijo da *caritas*. Só não havia quarto de banho digno do nome, mas não se pode pedir tudo...

Na quarta classe de 76 que a velha escola albergava, a variedade das origens sociais correspondia à variedade dos odores. O Simão exalava a suave fragrância a água de colónia. O Tó, o aroma da alfazema. O Jorge, o perfume barato do fixador que lhe domava as irreverentes melenas. Nas manhãs frias, o Arnaldo tresandava a aguardente. A maioria, criada na bouça e na rua, trazia entranhado nas pobres vestes um intenso cheiro a terra e suor que, na força do Estio, se confundia com o da decomposição dos cadáveres das ratazanas e de outros bichos que coabitavam o desvão do telhado. Mas a aparência rude escondia a doçura das almas.

O Zé António era um miúdo franzino e tímido. Contava dez anitos num corpo frágil que aparentava seis ou sete. Só tinha a seu favor uma prodigiosa imaginação. Era o ás do texto livre. O novo professor não era adepto das enfadonhas redacções com tema e número de linhas pré-fixados. E, pela primeira vez na sua curta vida de estudante, o Zé António soltava amarras e partia à aventura:

**"Eu fui com o meu irmão a uma mina perigosa (...) encontrei uns anõezinhos muito aflitos, quase a morrer. Agasalhei-os muito quentinhos, dei-lhes roupa nova. Também vi uma abelha a tentar voar (...) estava a rir e ela pregou-me com o ferrote. Vêdes para que foi a pândega?"**

***Ou mesclava desejos com a nostalgia de sonhos perdidos:***

**"Se eu fosse um passarinho. Não. Esta história acabou porque eu já não sei mais. O que eu gostava de ter era uma andorinha. Mas, quando chegasse o Inverno, ela partia e eu tinha um desgosto muito grande."**

Num dos seus muitos escritos, deixou escapar um segredo e jamais confessado remorso colectivo:

**"Eu sinto um segredo em mim... O nosso professor é muito bom para nós. Nós também podíamos ser bons para ele..."**

Infantil remorso, talvez, pois aqueles trinta mafarricos infernizavam a vida das professoras que por lá passavam. O Domingos Mirritos que, nos seus quinze anos, era o decano da turma, tinha conhecido doze. Um despachavam os malfadados para o último professor "agregado" que lá caísse no ano seguinte. Outras agarravam-se ao atestado como o náufrago à bóia salvadora e desapareciam para nunca mais.

Nas manhãs de inverno, quando algum puto se deixava ficar no aconchego dos lençóis, era "*menos um para aturar*". Nas manhãs primaveris, quando outros se perdiam pelo caminho, a jogar à bola ou na caça aos girinos dos charcos, era "*um alívio*". Quase todos acumulavam várias reprovações. O Zé António vinha de uma família humilde, mas era dos poucos que nunca tinham "*gatado*".

À chegada, avisaram o novo professor de que aquela era a "*turma do lixo*", "*o refugio da escola*", o que "*ninguém queria apanhar*" e que ("*mas, ó senhor professor, isto que não saia daqui!*...") o apartar das águas começava logo na primeira classe:

*"Ó Dona F..., de quem é filho este miúdo?"*

*É neto do senhor engenheiro, minha senhora.*

*Então fica nesta lista. E este aqui?*

*Esse, minha senhora, é filho da Maria Morcega, a que foi para fiandeira. Nem a terceira acabou...*

*Então, vai para a outra turma."*

A Maria Balota, vizinha e conselheira, aproveitou o intervalo do primeiro dia e atirou do portelo:

*"Ó senhor, eles são todos uns gandulos. Desta massa não se espere milagres."*

Depois, num tom mais condescendente, ainda acrescentaria:

*"Eles não vão a bem. Mas, coitados, nem todos tiveram uns pais como o senhor professor..."*

O Bordieu ainda levaria um bom par de anos até descobrir o sábio e naturalizado equilíbrio da "*reprodução*". De um lado, os nascidos em *berço de ouro*; do outro, os *putos ranhosos, as pestes*. E, entre uma turma e outra turma, nada de misturas. A família os engendrava, a escola os confirmava, a sociedade os excluía. Por mais inverosímil que hoje nos pareça, era assim naquele tempo.

O Zé António fez a quarta classe com dez anos. O professor perdeu-lhe o rasto nos atalhos da vida e nas teias do trabalho infantil. Voltou a encontrá-lo aos dezoito, esquelético, minado pela miséria. Leu naqueles olhos despojados do brilho e candura da infância a profunda humilhação de "*pedir à Junta um atestado de pobreza por não ter maneira de pagar custas ao tribunal*".

O Zé António conheceu a prisão, a solidão e o desprezo. perdeu o direito a nome próprio, ganhou fama de ladrão e drogado. Um dia, enquanto se *chutava*, quis a sorte que a sida lhe penetrasse as veias. O calvário chegava ao fim.

O Zé António foi hoje a sepultar.